

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

Epistemologias de resistência: estratégias de enfrentamento da opressão colonial

Epistemologies of resistance: strategies for coping with colonial oppression

Flávia Ribeiro Amaro

Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

RESUMO

Apresenta-se aqui a resenha do livro *Os condenados da Terra*, de Frantz Fanon. A obra tece contundentes críticas ao capitalismo, ao colonialismo, ao racismo, ao patriarcado, ao cristianismo e a outras formas de opressão. Também destaca o sofrimento psíquico como resultado desse processo de dominação arbitrário, que impõe de cima para baixo e às custas de violência o sistema-mundo ocidentocêntrico. O livro é um convite à reinvenção de epistemologias de resistência e da emancipação das consciências.

Palavras-chave: Frantz Fanon, Lutas anticoloniais, Anticapitalismo, Antirracismo, Sofrimento psíquico.

ABSTRACT

This is a review of *The wretched of the Earth*, a book by Frantz Fanon. The work makes strong criticisms of capitalism, colonialism, racism, patriarchy, Christianity, and other forms of oppression. It also highlights psychic suffering as a result of this process of arbitrary domination, which imposes the western-centric world system from top to bottom and at the expense of violence. The book is an invitation to the reinvention of epistemologies of resistance and the emancipation of consciences.

Keywords: Frantz Fanon, Anticolonial struggles, Anticapitalism, Antiracism, Psychic suffering.

Recebido em 24 de fevereiro de 2023.

Aceito em 20 de março de 2023.



Frantz Omar Fanon (1925-1961), intelectual negro natural da Martinica – antiga colônia francesa localizada no mar do Caribe –, se destacou no cenário acadêmico, profissional e militante com seus estudos e práticas politicamente engajadas. Nelas, entrecruzava as lutas anticoloniais e antirracistas com pesquisas sobre as condições psíquicas de sujeitos envolvidos na guerra de libertação nacional do povo argelino e em defesa de uma clínica médica emancipatória, capaz de revelar a peculiaridade de seu comprometimento com uma práxis transformadora.

O martinicano estudou medicina na Universidade de Lyon, na França. Especializou-se em psiquiatria, participou da Segunda Guerra Mundial – combatendo junto à Resistência Francesa – e militou no partido político argelino de cunho socialista Frente da Libertação Nacional (FNL). Entre as décadas de 1950 e 1960, corroborou diversos outros movimentos de libertação política no continente africano.

Nesse ínterim, se deu conta da violência imputada pelos colonizadores aos colonizados nos processos de exploração colonial, responsáveis por relegar os negros colonizados às condições injustas da inumanidade e da invisibilidade. Constatou que as piores injustiças da história estiveram alinhadas com as ideologias colonialistas e racistas e que era necessário fazer frente a essas violentas e arbitrarias formas de exploração e exclusão.

O ativista, pesquisador e psiquiatra empreendeu uma contundente crítica ao sistema capitalista, e seu pensamento é reconhecidamente marxista. Seu modelo de crítica social é diretamente associado à análise da condição de sujeição psíquica experimentada pelos povos colonizados. Para ele, o colonialismo é um fator causador de sofrimento tanto social quanto psíquico, o que pôde comprovar, com originalidade, a partir de suas investigações empíricas, realizadas em hospitais de guerra.

Ao longo de sua obra, o autor dedicou-se a apreender a relação entre colonialismo, raça, psiquiatria e luta. A problematização das distinções de raça atravessa seu trabalho. Segundo sua concepção, a questão da cor funciona como um mecanismo implacável de separação entre o que o Ocidente considera como humano e não humano, estabelece uma discriminação entre o mundo colonial e o mundo metropolitano, forja zonas de ser e de não ser.

Aluno de Aimé Césaire no Lycée Schoelcher, foi profundamente influenciado pelos ideais subversivos de seu professor. Ajudou a elegê-lo prefeito de Fort-de-France e deputado da Assembleia Nacional da Martinica.

Fanon reivindicava a unificação do continente africano. Seus ideais revolucionários inspiraram lutas por libertação em diferentes nações dos continentes asiático, africano e latino-americano.

É autor de vários ensaios e livros, mas foi *Pele negra, máscaras brancas*¹ a obra responsável por consagrá-lo como pesquisador negro engajado nas lutas anticoloniais e antirracistas. Foi considerado um dos principais representantes do terceiro-mundismo, do pan-africanismo, do anticolonialismo e do marxismo periférico.

Embora tenha morrido precocemente aos 36 anos, vítima de leucemia, suas obras causaram forte impacto na academia e fora dela, e seus escritos repercutem até os dias de hoje, inspirando críticas contra o capitalismo, o racismo, o patriarcalismo, pautando lutas revolucionárias por todo o mundo.

Recentemente, com a constatação da crise neoliberal, com a guinada pós-colonial das universidades norte-americanas e, na sequência, a emergência do paradigma decolonial, seu último livro, *Os condenados da terra* – originalmente publicado em 1968, com prefácio de Jean Paul Sartre – voltou a despertar o interesse da intelectualidade, dos movimentos sociais negros, indígenas e feministas, possibilitando a realização de novas leituras a partir do paradigma decolonial. A obra foi republicada no Brasil e é aqui resenhada.

A questão da violência colonial perpassa toda a discussão apresentada no livro. A ênfase recai sobre a subjugação, a invisibilização e a desumanização do negro – escravizado e colonizado. Em sua perspectiva, a violência colonial apresenta um caráter ético e normativo.

A alienação configura outro tema central na análise fanoniana. Em suas apreciações constatou que, em muitos casos, a alienação colonial culmina na alienação religiosa. Isso ocorre porque os sujeitos oprimidos descobrem nas práticas mítico-rituais maneiras de quebrar a rotina de opressão e colocar os problemas cotidianos em suspensão, além de crer na promessa de salvação num futuro além-vida. A alienação também se evidencia na desvinculação do intelectual colonizado da práxis emancipatória.

O livro é estruturado em cinco capítulos, a saber: “1. Sobre a violência”; “2. Grandezas e fraquezas da espontaneidade”; “3. Desventuras da consciência nacional”; “4. Sobre a cultura nacional”; “5. Guerra colonial e distúrbios mentais”. Também conta com três prefácios, o da última edição – escrito por Thula Rafaela de Oliveira Pires, Marcos Queiroz e Wanderson Flor do Nascimento, – o da edição original, publicada em 1961 – escrito por Jean Paul Sartre – e, por fim, o da edição norte-americana – escrito por Cornel West.

¹ Conforme expõe Joanes Manoel (2021) em uma elaboração biográfica sobre o autor publicada no livro *Escritos políticos*, de Frantz Fanon, o livro *Peles negras, máscaras brancas* corresponde a “[...] um estudo crítico do racismo, que discute as dimensões subjetivas, psicossociais, culturais e de formação do ser em um sistema de dominação/exploração fundamentado na racialização. Construído com uma abordagem marxista, o texto estabelece intenso diálogo com o existencialismo sartreano, a psicanálise e a recepção francesa da obra de Hegel.” (MANOEL, 2021, p. 156).

O primeiro capítulo é uma reflexão sobre os desafios do processo de descolonização. O autor defende que “o mundo colonial é um mundo compartimentado” (FANON, 2022, p. 33). Reconhece, assim, um maniqueísmo que se reflete numa divisão entre o mundo colonial e o mundo metropolitano, fazendo uma crítica à tradição cristã e à supremacia branca patriarcal, responsáveis por corroborar a desumanização da figura do colono. O autor ressalta o papel da dança e do transe como artifícios de subversão da opressão. Defende que o processo de colonização engendra o fenômeno da violência. Destaca a importância do papel do intelectual colonizado como autor e protagonista de sua própria história. Contudo ressalta o complexo de culpa implicado pelo processo de descolonização, que se apresenta como o mito de Dâmocles, bem como aponta para a intenção oculta que o oprimido carrega, a de se tornar o opressor. Ressalta a força revolucionária do campesinato. Salienta a capacidade do capitalismo e do imperialismo de colocar o povo contra o povo, produzindo um tipo de neutralidade e passividade que corrobora a formação do Terceiro Mundo. Em suma, alega que “A violência do regime colonial e a contraviolência do colonizado se equilibram e se respondem numa homogeneidade recíproca extraordinária” (FANON, 2022, p. 85).

No subcapítulo “Sobre a violência no contexto internacional”, o autor aborda o problema do subdesenvolvimento, imputa a culpa desse desarranjo à colonização europeia; em contrapartida, propõe a distribuição de riquezas. Em suas palavras, “O bem-estar e o progresso da Europa foram edificados com o suor e os cadáveres dos negros, dos árabes, dos índios e dos amarelos” (FANON, 2022, p. 92). Por isso acredita que a riqueza dos países imperialistas é também a riqueza dos países colonizados, já que a “Europa é, literalmente, a criação do Terceiro Mundo. As riquezas que a sufocam são as que foram roubadas dos povos subdesenvolvidos” (FANON, 2022, p. 97). Na percepção do autor, uma reparação justa envolveria a abdicação da Europa de suas riquezas para dividi-las com suas antigas colônias.

Já no segundo capítulo, “Grandezas e fraquezas da espontaneidade”, ele trata das discontinuidades experimentadas entre os partidos políticos e as massas, haja vista que a noção de partido é importada da metrópole e não corresponde aos anseios da colônia. Observa que os partidos políticos não são capazes de apreender nem cooptar as massas campesinas, pois mantêm-se numa postura de desconfiança em relação ao campo. E ressalta que “[o] lumpemproletariado constitui uma das formas mais espontâneas e radicalmente revolucionárias de um povo colonizado” (FANON, 2022, p. 126).

No capítulo três, “Desventuras da consciência nacional”, Fanon apresenta uma crítica à burguesia e enfatiza a tensão religiosa envolvida. Reflete sobre o papel crucial do líder nas lutas revolucionárias por libertação, além de defender que “as massas devem poder se reunir, discutir,

propor, receber instruções. Os cidadãos devem ter a possibilidade de falar, de se expressar, de inventar” (FANON, 2022, p. 193). Recomenda que a circulação de conhecimentos deve se dar da base para a cúpula e da cúpula para a base, pois o engajamento deve envolver homens e mulheres com o intuito de emancipar as consciências dos oprimidos.

“Sobre a cultura nacional” é o título do quarto capítulo, cuja frase de abertura é a seguinte: “Cada geração, numa relativa opacidade, deve descobrir sua missão, cumpri-la ou traí-la” (FANON, 2022, p. 207). O autor afirma que os países subdesenvolvidos tanto resistiram às agruras do colonialismo quanto prepararam o terreno para as lutas por libertação. Esse encadeamento, para ele, aconteceu à despeito dos esforços coloniais para reduzir o escopo de ação dos colonizados, que se viram esmagados pelo processo de desumanização a que foram desmedidamente submetidos. Isso resultou, muitas vezes, na reprodução inevitável dos modelos de referência ocidentalocêntricos pelo colonizado. Observa que “A situação colonial detém, em sua quase totalidade, a cultura nacional” (FANON, 2022, p. 238) e que a tradição cultural de uma nação, após séculos de dominação colonial e inúmeros processos de fragmentação e sedimentação, torna-se uma cultura fadada à clandestinidade. Nessa perspectiva, acredita que, a partir do momento em que o negro (e outros oprimidos) se derem conta de que suas cosmovisões e representações do mundo são não só legítimas quanto profícuas, um horizonte de possibilidades se abrirá, pois “a consciência nacional é a forma mais elaborada de cultura” (FANON, 2022, p. 248).

No último capítulo, “Guerra colonial e distúrbios mentais”, o autor traz relatos extraídos de seu trabalho numa clínica psiquiátrica com pacientes argelinos e franceses que traduzem as consequências da violência colonial para o âmbito neuronal, constatadas na eclosão de distúrbios mentais. Segundo Fanon, “a guerra continua. E durante anos ainda teremos que cuidar das feridas, por vezes indelévels, causadas a nossos povos pela onda colonialista” (FANON, 2022, p. 251).

A partir da leitura, conclui-se que seu pensamento agencia um novo humanismo, instruído a valorizar as demandas psíquicas e sociais dos povos oprimidos. Trata-se da exigência de promoção e/ou recuperação da dignidade ontológica. Pois o autor parte da constatação de que não basta apenas identificar o opressor e os processos de opressão: é preciso combatê-los, extingui-los, ainda que isso implique a luta armada. Por conseguinte, o pensador considera que é preciso fazer frente a esse horror institucionalizado. A alienação, nesses termos, representa a produção de críticas isentas do comprometimento com a práxis transformadora.

Seu legado inspirou as reflexões pós-coloniais, descoloniais, subalternas e decoloniais, na medida em que suas obras promulgaram a conformação de análises críticas engajadas com

a ética e a política, pautadas, por sua vez, pela experiência concreta de sujeitos subjugados capazes de dizer o inefável e resistir diante do intolerável.

Enquanto os estudos pós-coloniais estavam interessados em refletir sobre as relações de dominação e opressão dos colonizadores contra os povos colonizados, o pensamento decolonial surge defendendo que, embora o colonialismo tenha chegado ao fim e as colônias tenham conquistado independência, a colonialidade do saber, do poder e do ser perdura, na subjetividade dos herdeiros daqueles que experimentaram na própria pele os processos de violência colonial.

As elucubrações teórico-metodológicas e práticas do pensamento fanoniano confrontaram diretamente o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado, conformando uma rejeição à pretensa hegemonia epistêmica ocidentalocêntrica. E sugerem uma revisão transdisciplinar epistemológica, devido à sua atuação como pesquisador em áreas científicas distintas, como a medicina psiquiátrica, a política, a filosofia.

No Brasil, sua recepção orientou as lutas contra a opressão e em defesa dos direitos humanos, formando uma consciência revolucionária e inspirando o pensamento de autores como Abdias do Nascimento, Paulo Freire, Renato Ortiz, e do cineasta Glauber Rocha. O pensamento fanoniano também marcou os princípios ideológicos que constituem a Teologia da Libertação.

A imbricação com a práxis e o reconhecimento das alteridades ontológicas podem ser considerados traços distintivos de seu pensamento emancipador. Sua abordagem sobre a violência colonial sancionou um dos debates críticos mais intensos do pensamento ocidental do século XX, o que contribuiu para que sua obra se tornasse uma leitura basilar dos movimentos anti-imperialistas, anticapitalistas, antipatriarcais e antirracistas.

REFERÊNCIAS

1. FANON, Frantz. **The Wretched Of The Earth**. Nova York: Grove, 1968.
2. FANON, Frantz. **Escritos políticos**. São Paulo: Boitempo, 2021.
3. FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
4. MANOEL, Jones. Sobre o autor. *In*: FANON, Frantz. **Escritos políticos**. São Paulo: Boitempo, 2021. p. 155-157.

Flávia Ribeiro Amaro

Pós- doutoranda em Ciências da Religião, doutora em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4789-537X>. E-mail: flavia.ramaro@gmail.com